



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

Carla Letícia da Silva Oliveira

A profecia vivenciada por mulheres em Aracoiaba-CE

ACARAPE - CE

2020

A profecia vivenciada por mulheres em Aracoiaba-CE

Carla Letícia da Silva Oliveira

Projeto de Pesquisa apresentado como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo.

REDENÇÃO - CE
2020

A profecia vivenciada por mulheres em Aracoiaba-CE

Carla Leticia da Silva Oliveira

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo (Orientador)

Prof. Dr. Ruben Maciel Franklin (Examinador Interno - UNILAB)

Profa. Ms. Marina Vieira de Oliveira (Examinadora Externa - UECE)

Aprovado em: ____/____/____

Dedico esse trabalho ao meu noivo, Danísio Matos, que me incentiva a estudar e lutar por meus objetivos, conseguindo despertar sempre o melhor de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, porque ele é o sentido da minha vida, sem ele eu nada posso fazer. Tudo que produzo é para a glória do nome dele.

Aos meus pais, Patrícia e Adriano que são meus maiores exemplos de pais e líderes espirituais, me amando incondicionalmente e colaborando para a realização de todas minhas conquistas.

Ao meu noivo, Danísio Matos, pela reciprocidade que nos envolve, sendo sempre meu companheiro, melhor amigo e homem dos meus sonhos.

À minha melhor amiga, Dayane Chaves por seu apoio em todos os momentos. Pelo carinho e sinceridade que demonstra e ter se tornado indispensável na minha vida.

Ao meu querido orientador, Patrício Carneiro Araújo, por, pacientemente, me instruir e incentivar durante a elaboração desse projeto de pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho analisa as vivências pentecostais, evangélicas, relacionadas à profecia, relatadas por mulheres, membras das igrejas Assembleia de Deus - Templo Central - e Presbiteriana Renovada do Brasil, com o intuito de investigar como as experiências proféticas são manifestas no cotidiano dessas mulheres. Em meio ao contexto religioso, ainda dominado pelo machismo e patriarcado, buscamos compreender o protagonismo feminino no pentecostalismo, tendo em vista as profetisas, que receberam o dom da profecia e estão buscando conquistar seu lugar de fala. Buscamos investigar os conflitos da hierarquização de gênero no pentecostalismo. A metodologia para a futura pesquisa será por meio de entrevistas narrativas, para que assim, as profetisas possam contar suas experiências que envolvem o profetismo. Utilizando as ferramentas da pesquisa qualitativa e da pesquisa narrativa, por meio das histórias contadas por essas mulheres buscaremos compreender como as vivências pentecostais se manifestam no cotidiano das profetisas e como as mesmas se sentem durante o ato de profetizar. Por meio desses relatos queremos compreender a percepção que essas mulheres têm em relação à profecia. Visitaremos também as igrejas dessas mulheres em momentos de cultos, com o intuito de investigar os conflitos do protagonismo dessas mulheres. Observando se elas possuem lugar de fala e se representam como figuras de autoridade. Por meio desse protagonismo será feita uma análise de como o feminismo se manifesta no pentecostalismo.

Palavras-chave: Feminismo. Profecia. Pentecostalismo. Profetisas

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO / INTRODUÇÃO	1
2. DELIMITAÇÃO E OBJETOS DE PESQUISA	5
3. OBJETIVOS	5
4. JUSTIFICATIVA	6
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
4.1. FEMINISMO	8
4.2. PROTESTANTISMO E PENTECOSTALISMO	12
4.3. O PROTAGONISMO DAS PROFETISAS	17
6. METODOLOGIA	20
7. REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

O pentecostalismo evangélico é considerado como um movimento espiritual que surgiu de algumas igrejas protestantes, assumindo uma nova forma. De acordo com Leonildo Silveira Campos e Benjamim Gutierrez, “o cerne do gênio pentecostal pode ser resumido assim: trata-se de um movimento de espiritualidade” dentro do protestantismo. (CAMPOS; GUTIERREZ, 1996, p. 60).

Segundo grande número de historiadores, o pentecostalismo brasileiro é descendente do pentecostalismo norte-americano, que teve sua repercussão na Rua Azusa, lugar que “ficou famoso e reconhecido como base de divulgação mundial do moderno movimento pentecostal” (CORREIA, 2013, p. 41). O que ficaria posteriormente denominado como “Reavivamento da Rua Azusa” foi iniciado pelo pregador afro-americano William Seymour, aluno do pastor e professor metodista, Charles Fox Parham.

A respeito do início do movimento pentecostal americano, Matos (2006) escreve:

Portanto, o movimento pentecostal tem dois fundadores: Charles Parham e William Seymour. Parham foi o primeiro a fazer a afirmação fundamental de que o falar em línguas era a evidência visível e bíblica do batismo com o Espírito Santo. A importância de Seymour, o discípulo de Parham, reside no fato de que sob sua liderança, através do Avivamento da Rua Azusa, o pentecostalismo se tornou um fenômeno internacional e mundial a partir de 1906. (MATOS, 2006, p.33)¹

Evidentemente, o Pentecostalismo é herdeiro do Protestantismo, contudo se diferencia pela crença em línguas estranhas (glossolalia) e por considerarem contemporâneas algumas práticas do cristianismo primitivo, tais como curas, milagres, profecias e exorcismo. No entanto, o pentecostalismo não deve ser totalmente desvinculado do protestantismo, como afirma Souza (2004, apud FERNANDES, 2006): “[...] dissociar Pentecostalismo e Reforma [Protestante] seria mutilar o fenômeno sob a alegação de uma taxionomia, uma necessidade de classificação, meramente teológica e sem o menor respaldo do método de análise sociológica.”²

O protagonismo feminino no meio cristão sempre tem sido objeto de luta. A desvalorização das mulheres se apresenta tanto nas teorias, como nas práticas cristãs que remetem ao patriarcado, onde a mulher é idealizada como ajudadora, submissa e não como uma figura de autoridade.

¹ Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XI_2006/2/Alder.pdf, Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

² Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/ALFTDYXGHISV.pdf>, Acesso 30 de janeiro de 2020.

Sobre a Marginalização das mulheres no âmbito religioso cristão Etisuko (2010) destaca:

A perspectiva de gênero se constituiu num instrumental feminista que revelou não apenas as estruturas sexistas das instituições contemporâneas como também mostrou como as tradições religiosas cristãs teriam sido formadas no bojo do patriarcado romano, marginalizando as mulheres dos espaços de poder nas igrejas, impedindo-as de receber a ordenação sacerdotal assim como quaisquer cargos significativos na hierarquia eclesial. (ETISUKO, 2010, p.2)

Desta forma, no cristianismo contemporâneo as mulheres se encontram inferiorizadas, até mesmo nas igrejas onde congregam. Segundo Sabino (2017), no protestantismo as mulheres não tinham visibilidade, já no movimento pentecostal as mulheres ganharam certa autonomia, pois uma das características do pentecostalismo é o acolhimento de grupos da sociedade que outrora eram excluídos pelas igrejas protestantes, sendo eles: negros, pobres, mulheres e leigos.

Essas pessoas, que eram apenas ouvintes e simpatizantes do protestantismo, tiveram no pentecostalismo a possibilidade de expressar a sua fé de forma ativa, tendo livre acesso aos líderes religiosos e até mesmo podendo se tornar líderes religiosos. Nesse sentido, buscamos compreender se é verídico o acolhimento das profetizas nas igrejas pentecostais, buscando entender os conflitos causados pela hierarquização de gênero.

De acordo com a doutrina do movimento pentecostal existe uma diversidade de dons dados pelo Espírito santo contemporaneamente, entre esses dons se encontra o dom da profecia, onde homens e mulheres transmitem recados de Deus para as pessoas. Os indivíduos/as que recebem esse dom são denominados como profetas e profetisas.

Fohrer (2006) afirma que a profecia não é um fenômeno meramente israelita ou do javismo. Profetas surgem em diversas religiões e culturas. No que diz respeito aos profetas descritos na bíblia, é possível observar que eles não apresentavam interesse no culto ou na própria ética, mas no fiel dependente de Iahweh e amparado por ele. Desta forma, os profetas atacavam o culto, pois nele os descrentes exigiam benefícios de Iahweh, ao invés de admitir e acatar os desejos de Deus.

Os profetas faziam uma convocação às pessoas, para que praticassem o que era considerado bom, sendo justos e íntegros, pois essas práticas eram segundo eles uma manifestação do comprometimento com Iahweh, ou seja, de sua aliança com o povo que ele escolheu, diz que na monarquia, existia uma crença geral de que a mensagem de Iahweh transmitida pelos profetas tinha certo poder eficaz, tal como, o poder concedido às palavras consideradas mágicas.

O termo profecia, bem presente no Antigo Testamento, remete à ideia de anunciação da mensagem de Deus, transmitida por alguém escolhido por ele e à denúncia das estruturas

políticas corrompidas e das práticas injustas das lideranças. Suana (2007) define os profetas como indivíduos oriundos de diversos níveis sociais, que possuíam a sensibilidade de aceitar o chamado de Yahweh e a bravura para cumprir o desafio de transmitir a palavra profética.

Os pentecostais consideram a profecia como uma manifestação contemporânea, tendo em vista que o Deus bíblico não muda. No que diz respeito a essa persistência divina, Martin-Achard (1892) afirma que da reflexão dos testemunhos proféticos, podemos entender que: o Deus (bíblico) agiu no passado com esplêndida multiplicidade de forças e age do mesmo modo na contemporaneidade.

Desta forma, este projeto de pesquisa tem como objetivo investigar como a profecia se manifesta no cotidiano das profetisas que fazem parte das igrejas Assembleia de Deus - Templo central - e Presbiteriana Renovada.

Considerando a discriminação, o machismo e a sociedade patriarcal onde viveram, o protagonismo feminino nos tempos bíblicos, expressa que o escasso reconhecimento que obtiveram foi objeto de luta.

Ademais, pretendemos investigar se ocorreu um processo de ocultação do gênero feminino praticado pelos escritores da bíblia, para isso precisamos fazer uma leitura criteriosa, por meio do senso crítico. Principalmente quando os textos bíblicos apresentam claramente alguma mulher em um nível elogiável, já que, como vemos nos exemplos das “profetisas” ou “juízas”, seu protagonismo só é visível pelo fato de sua liderança ter ultrapassado todos os processos de exclusão causadas pelo patriarcado, tornando assim injustificável a omissão da história dessas mulheres. (CAVALCANTE, 1987).

De acordo com Calvacanti (1987), as profetisas mencionadas na bíblia conseguiram superar os obstáculos do patriarcado para serem reconhecidas como lideranças. Na contemporaneidade do protestantismo, e até mesmo no pentecostalismo, as profetisas enfretam o patriarcado e o machismo para assumirem seu lugar de fala.

Assim, o projeto objetiva compreender o ocultamento do protagonismo das profetisas na contemporaneidade, dentro e fora das igrejas. Sabemos que existem diversas pesquisas sobre o profetismo, contudo a maioria delas é realizada por homens e falam de profetas *do e no* gênero masculino. Creio que seja importante termos mais mulheres abordando assuntos religiosos como a profecia.

Ao falar em profecia nos remetemos à ideia de entrevistar os líderes religiosos das igrejas, mas o intuito desse projeto de pesquisa é analisar os relatos das profetisas, que não recebem muita ênfase nos trabalhos religiosos. Goldenberg (2004) relata:

Acredita-se que essas pessoas estão no topo de uma hierarquia de credibilidade, isto é, o que dizem é mais verdadeiro do que aquilo que outras, que não conhecem tão bem o assunto, diriam. Na verdade, o pesquisador não deve se limitar a ouvir apenas estas pessoas. Deve também ouvir quem nunca é ouvido, invertendo assim esta hierarquia de credibilidade (p.85).

Daí porque achamos tão importante ouvir os relatos das profetisas. Acreditamos que, ao ouvi-las, teremos acesso a diferentes aspectos da vida das suas igrejas, para além das suas vivências místicas pessoais. Outro ponto que deve ser analisado é o lugar de fala das profetisas dentro do pentecostalismo. Para entendermos como as relações de poder afetam direta e indiretamente essas mulheres.

O lugar de fala das mulheres é constantemente reivindicado pelos movimentos feministas contemporâneos e essas ações são constantes, no contexto religioso. No que se diz respeito a esse lugar de fala Djamila Ribeiro (2017), afirma que “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Ainda segundo esta autora, “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. (Idem, p.37).

Assim sendo, o foco desse trabalho é voltado para manifestações proféticas vivenciadas por profetisas, fato que nos leva a abordar brevemente as problemáticas que envolvem o profetismo feminino nesses contextos religiosos.

Este Projeto propõe uma pesquisa que analise a problemática envolvendo as mulheres no pentecostalismo, especificamente o fenômeno da profecia. Percebemos que as mulheres estão conquistando cada vez mais espaço em todos os âmbitos da vida social. Contudo, ter lugar de fala em uma sociedade machista é um processo dificultoso. Em relação ao contexto religioso, a figura da mulher sempre foi apresentada como coadjuvante, ou seja, para muitos religiosos, a mulher era destinada pelo próprio Deus bíblico para ser a auxiliar do homem, fosse ele o pai ou o marido.

No que se refere às tradições do profetismo, isso se manifesta da mesma forma. Enquanto os homens são tidos como os grandes escolhidos por Deus, as mulheres precisam lutar para conquistar seu reconhecimento. Todavia, tanto nos tempos bíblicos como no tempo atual, as mulheres procuram conquistar o lugar de protagonistas, lugar esse que o machismo insiste em lhes negar.

Considerando essa luta feminista em busca do reconhecimento no âmbito religioso, o presente trabalho busca entender como a profecia é vivenciada por mulheres pertencentes ao movimento pentecostal, membras da Igreja Presbiteriana Renovada (da qual eu também faço parte) e da Assembleia de Deus - Templo central, localizadas na cidade de Aracoiaba (CE), investigando assim, as experiências pentecostais vividas ou presenciadas por elas e como essas experiências repercutiram tanto nas suas vidas pessoais e familiares quanto socialmente.

OBJETIVOS:

GERAL:

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar as manifestações proféticas vivenciadas por mulheres, membras das igrejas Assembleia de Deus - Templo Central e Presbiteriana Renovada, da cidade de Aracoiaba (CE).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

A fim de melhor atingirmos o objetivo geral desta pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos específicos que poderão nos ser úteis na busca dos propósitos da pesquisa:

- Compreender como se dão as manifestações proféticas no cotidiano das mulheres que possuem o dom da profecia;
- Verificar as percepções das profetisas em relação à profecia;
- Identificar as relações de poder implicadas no profetismo ou desencadeadas por ele;
- Entender como o feminismo se manifesta no pentecostalismo;
- Compreender os sentimentos das profetisas durante o ato de profetizar;
- Analisar os conflitos do protagonismo feminino nas igrejas pentecostais.

JUSTIFICATIVA

A motivação para a escolha desse tema foi o convívio contínuo que tenho com as manifestações pentecostais, visto que sou membra de uma igreja pentecostal, denominada igreja Presbiteriana Renovada. Entre essas manifestações, sempre tive a curiosidade de entender melhor a profecia e, por um certo tempo, até mesmo nutri o desejo de receber o dom profético.

Creio que exista muito daquilo, tanto no discurso bíblico quanto no discurso das igrejas, se costuma chamar de “falsos profetas” e “falsas profetisas”, ou seja, casos de inautenticidade da vivência da experiência mística que condiciona o profetismo. Contudo, creio também que existem profetas verídicos que agem a partir de autênticas experiências religiosas. Uma memória pessoal me faz pensar sobre esse fenômeno ao ponto de me motivar a pesquisá-lo com mais profundidade: quando eu era criança, uma mulher profetizou para mim que eu seria uma pregadora da palavra de Deus. Ainda segundo sua profecia, o Diabo faria de tudo para me afastar da igreja. Conforme o tempo foi passando, isso de fato aconteceu. Tal experiência, para além do seu sentido religioso, despertou em mim, estudante de ciências sociais, o desejo de investigar melhor esse fenômeno tão interessante que funciona como suporte de organização da vida de tantas pessoas ligadas às igrejas pentecostais.

Todavia, ao conviver com as profetisas, percebi conflitos causados pela hierarquia de gênero presentes em todas as igrejas que já congreguei. Então decidi pesquisar sobre as vivências das profetisas diante desses conflitos.

A relevância social desse projeto envolve a necessidade dos estudos de gênero no âmbito religioso, principalmente no ambiente evangélico, seja ele pentecostal ou não, considerando que o patriarcado sempre colocou a mulher em posição inferior ao homem.

A relevância acadêmica por sua vez se dá pela escassez de trabalhos voltados para essa temática, considerando também a vasta dificuldade presente no ato de fazer ciência feminista, envolvendo questões religiosas, conforme afirma Rose:

Fazer ciência feminista tendo como objeto as religiões significa tocar em questões “intocáveis” para as mulheres ao longo de séculos e milênios. Trata-se, antes de mais nada, as pesquisadoras precisam se tornar e precisam ser reconhecidas como aquelas que tem poder e acesso ao conhecimento. E, deste modo, a partir do direito de acesso ao conhecimento, as pesquisadoras feministas podem interrogar sobre o sagrado e fazer a epistemologia do sagrado e do conhecimento envolto ao sagrado. Em se tratando de epistemologia, esta é uma questão delicada e que causa mal-estar nas ciências – quando as mulheres começam a desvendar os espaços de domínio antes dominados por outros sujeitos somente. A epistemologia feminista suspeita do processo de construção do conhecimento ao longo da história. Aliás, já não se trata de uma suspeita, mas de uma evidência – o fato de que as mulheres foram longamente excluídas do processo de elaboração e sistematização do conhecimento e a entrada delas no mundo da ciência, especialmente no século XX-XXI, causa estranhamento. Neste sentido, a ciência feminista sempre será incômoda, pois tocará em estruturas de saber e poder longamente intocadas. (ROSE, 2016, p.13).

O bacharelado em Humanidades nos instiga a pesquisar e aprimorar o senso crítico para diversas questões sociais, entre elas as questões de gênero e feminismo, religião e diversidade. Esses assuntos são de grande importância e até mesmo existe uma urgência em pesquisá-los, para então tentar compreender como se dão os conflitos e construir fundamentações para contrapor muitos paradigmas preconceituosos.

Esses assuntos citados acima serão abordados na pesquisa para fazermos uma análise de como a profecia se manifesta no cotidiano das profetisas, considerando os conflitos causados pela hierarquização de gênero. O Presente trabalho procura enriquecer o campo da pesquisa destinada ao protagonismo feminino no pentecostalismo, tendo como foco a profecia. A importância de se discutir a questão feminina nos espaços religiosos está bem evidenciada nas palavras de Miranda, quando ela afirma que:

Discutir a questão feminina associada à religião é conhecer mais profundamente o nosso país, com essa imensa diversidade de religiosidade, culturas, de símbolos, de jeitos de ser e de pensar. É encarar a realidade complexa e desigual, que se esconde sob uma aparência de unidade e de homogeneidade, mas que somente se revela no particular, na fragmentação, na diferença e na diversidade. (MIRANDA, 2009, p. 75).³

Portanto, estudar a condição feminina nos espaços religiosos também é estudar política, cultura, relações de poder e muitos outros aspectos da vida social, para além das simples experiências religiosas ou místicas vivenciadas por essas mulheres como revelação meramente pessoal-individual. Até porque, a profecia não está ligada apenas à mulher portadora deste dom. Ela é um importante mecanismo de organização e regulação da vida coletiva dessas comunidades religiosas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Feminismo

Inicialmente é preciso definir o conceito de feminismo, para o maior entendimento das questões que serão abordadas posteriormente. Portanto, Feminismo significa, segundo o dicionário Michaelis (online):⁴

Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.)

O Feminismo, portanto, nasce diante de um cenário político repressor. Seu intuito era e é, garantir uma igualdade entre os gêneros. Com isso, se deram as lutas das mulheres, como é o caso das sufragistas que reivindicavam desde o direito ao voto até a autonomia de seus corpos.

³ Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/13579>. Acesso em: 02 jan. 2020.

⁴ Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZBWx>. Acesso em 28 de janeiro de 2020.

Isso abriu um leque de debates acerca como o corpo da mulher era tratado ou visto, e as denúncias do estupro e do assédio começaram a emergir.

Além disso, vale ressaltar que as primeiras reivindicações feministas foram em relação ao trabalho, por igualdade de salários, vagas em empregos, etc. E, assim como a autora citada, (SIQUEIRA, 2015) vamos tratar esse primeiro aspecto do Feminismo como a primeira onda do movimento feminista. Para a autora, essa primeira onda caracterizou-se da seguinte forma “[...] primeira onda se caracterizou pelo ataque às diferenças discriminatórias e insustentáveis entre homens e mulheres; se aqueles podem trabalhar e participar da condução da vida política da comunidade, não há razão para que essas também não possam fazê-lo”. (SIQUEIRA, 2015, p. 330).

Mas, a primeira onda não se caracterizava só por isto, os homens não acreditavam que as mulheres tivessem inteligência para administrar questões públicas e opinar em decisões políticas. Para eles, não era do perfil feminino lidar com questões que não fossem fora da cozinha. Ainda sobre isso, Siqueira (2015) nos diz que:

Apesar do texto não tratar expressamente da questão do voto da mulher, é possível entender melhor esse cenário a partir da análise dos anais das reuniões da Constituinte. Alguns de seus membros usaram suas manifestações na tribuna para defender o sufrágio feminino, a exemplo de Almeida Nogueira, mas a maior parcela dos Deputados da Constituinte entendia que não fazia sentido que a mulher tivesse esse direito. Para uns, a mulher possuía estrutura psíquica muito frágil para que pudesse ingressar com sucesso na vida política; para outros, a mulher possuía superioridade de sentimento, mas não de inteligência, o que a moldava para os assuntos da vida doméstica e a tornava inadequada às questões públicas.

E, nessa mesma perspectiva, já pensamos que a segunda onda vem emergindo, que basicamente “a segunda onda, por sua vez, estaria centrada nas questões privadas e no corpo da mulher, com foco, portanto, nas diferenças relevantes entre os sexos.” (SIQUEIRA, 2015, p. 330). Essa questão é eminente devido as conquistas que a primeira onda teve. Na França, por exemplo, foi redigido um documento intitulado como a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, por Olympe de Gouges em 1791, que além de exigir ela também denunciava. Ao explicar a importância deste documento, Siqueira explica:

que contesta a concepção de igualdade adotada na prática durante a Revolução; seria uma igualdade masculina, que não abrangeria as mulheres, afastando-as como sujeitos dos direitos exigidos pelos revolucionários. Nesse documento, que à primeira vista parece ser apenas uma repetição ou uma mera extensão dos direitos da Carta original às mulheres, Olympe de Gouges denuncia que, além do combate aos privilégios de classe e ao ordenamento político vigente, é necessário que se rejeite também a relação de poder desigual no âmbito privado dos lares, onde a hierarquia entre os sexos se encontra. (SIQUEIRA, 2015, apud. GERHARD, 1995, p.332)

E assim as principais características da segunda onda do feminismo é “[...]a segunda onda do feminismo procurou se deter no que era específico da mulher, reivindicando que as

peculiaridades femininas fossem reconhecidas e protegidas. A mulher possuía um corpo e uma história que eram peculiares e subordinados socialmente, e essas questões mereciam ser investigadas.” (SIQUEIRA, 2015, p. 335-336). E, pensando isto, numa sociedade construída num viés patriarcal, defendida pelas igrejas monoteístas cristãs o impacto dessas reivindicações foi de proporção gigantesca. Pois a submissão feminina é uma categoria das igrejas cristãs. Sobre as principais lutas feministas, além da citada acima, Siqueira acrescenta que:

A reivindicação das feministas era, portanto, bastante voltada a questões de violência sexual e familiar contra a mulher, alegando-se que era uma questão a ser publicamente discutida e solucionada. O aborto também era uma questão abordada nesse período, como referência ao direito de ser mãe se e quando fosse da vontade da mulher. Trata-se de um reflexo da defesa da liberdade sexual feminina por essa geração de feministas. (SIQUEIRA, 2015, p.336).

Logo os movimentos feministas ganharam fama, pois, a medida em que as mulheres iam tomando conhecimento das lutas feministas, iam percebendo que cuidar do seu corpo, conhecer o seu corpo, não era errado. Isso porque se compreendia que quanto mais autonomia as mulheres tiverem de si e do seu corpo, menos dependente do sistema patriarcal ela é, pois ela agora tem autonomia de escolher ter filhos ou não, até mesmo decidir casar ou não. Sobre esse particular, afirma Sarti:

Foi o caso daquelas relacionadas à saúde da mulher, que causaram impacto na área médica, entre as quais emergiu o campo dos "direitos reprodutivos", que questionou, de um ponto de vista feminista, a concepção e os usos sociais do corpo feminino, particularmente pela medicina dirigida à mulher (ginecologia e obstetrícia), em torno das tecnologias reprodutivas. (SARTI, 2004, p.6).

Dessa forma, Siqueira (2015) ainda argumenta que para desencadear a terceira onda vieram os ideais individuais coletivos. Individuais pois, a primeira e a segunda onda, foram de certa maneira excludentes. Pois, assim se caracterizavam:

A primeira e na segunda ondas, mulheres como as sufragettes bem-educadas de classe média e as donas de casa americanas dos anos 70 e 80 tinham monopolizado as demandas feministas, em prejuízo de questões enfrentadas por outras mulheres que, apesar de serem também mulheres, não estavam no mesmo patamar daquelas em relação a outros marcadores sociais. (SIQUEIRA, 2015, p.338)

E para coletivo interpreta-se como as mesmas lutas, as mesmas reivindicações só que a maneira que consiga englobar, quem não conseguia se enxergar dentro dessas lutas. Pois, era preciso lutar, mas várias pessoas lutando sozinhas é um grito quase invisível, em grupos a percepção acerca dos temas é mais visível. Portanto, Siqueira (2015), salienta que “Esse é o momento de ganho de autonomia e destaque de certos grupos dentro do movimento feminista, como os de mulheres negras, lésbicas ou trabalhadoras rurais.” (SIQUEIRA, 2015, p.338).

E nesse viés da terceira onda surgiu um ponto muito importante que foi, as mulheres negras, porque sabemos o quão difícil foi a trajetória das lutas e reivindicações das mulheres, mas no contexto brasileiro é uma questão a ser dada maior relevância, dessa forma, levanto a questão do lugar de fala, tanto das mulheres, quanto das mulheres negras nas percepções de Djamilia Ribeiro. Ribeiro (2017) retrata o modo como é o olhar masculino ao corpo feminino:

Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem.

E dessa forma tentamos pensar onde podemos falar, onde estamos socialmente inseridas. As mulheres no contexto brasileiro sempre tiveram suas vozes caladas, (RIBEIRO, 2017), em sua produção lugar de fala nos propõe a pensar conde está a fala das mulheres, sobre tudo das mulheres negras, e quem ouve? Quem se importa? Djamilia Ribeiro (2017) ainda diz que: “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.” (RIBEIRO, 2017, p.37).

Essa hierarquia social nos motiva a pensar que as mulheres, sobretudo negras, sem estudo, sem recurso, sem oportunidades de empregos melhores, muitas vezes sem emprego algum, mas que se submetem a trabalhar de empregadas, para a elite branca. Com baixos salários, explorações, etc. Autos índices de violência, porque a estrutura social, por muitas vezes calam a mulher, não é dado o amparo necessário para que os feminicídios não ocorram, um exemplo disso foi, Maria da Penha, várias e várias denúncias contra o companheiro e somente após ele quase matá-la foi que criaram a lei, que no Brasil, mesmo com a lei, os casos de violência contra a mulher são cada vez mais crescentes. Sobre essa realidade existente no Brasil, Djamilia Ribeiro chega a afirmar que:

Também podemos citar essa realidade no contexto brasileiro, o alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que as mulheres negras ainda são maioria no trabalho doméstico e terceirizado e tantos outros exemplos. O fato de ocuparem lugares em que aumenta a situação de vulnerabilidade faz com que certas medidas consideradas como retrógradas também atinjam esses grupos de maneira mais acintosa. A Reforma da Previdência, que caminha no congresso sob a forma da Proposta de Emenda Constitucional número 287, prevê aumentar o tempo de contribuição para 25 anos e a idade mínima para 65 anos para as mulheres. Essa medida não leva em consideração a divisão sexual do trabalho imposta em nossa sociedade. Vale dizer, pois mulheres ainda são aquelas moldadas para desempenhar o trabalho doméstico e obrigadas a serem as maiores responsáveis pela criação dos filhos. Mulheres, sobretudo, negras, partem de pontos diferentes e consequentemente desiguais. (RIBEIRO, 2017, p.37).

Além de todos esses fatos políticos, há também a questão da religião cristã, onde os homens legitimam o seu poder e dominação usando a bíblia, em cuja literatura a mulher é

apresentada como submissa a ele, desde os primeiros capítulos desse livro sagrado. O livro de Gêneses, por exemplo, no versículo dezesseis do seu terceiro capítulo, chega a afirmar que: “Para a mulher sentenciou o Senhor: ‘Multiplicarei grandemente o teu sofrimento na gravidez; em meio à agonia darás à luz filhos; seguirás desejando influenciar o teu marido, mas ele te dominará!’”. Como se sabe, ao longo da história essa passagem foi largamente utilizada para justificar a dominação masculina e até a violência cometida contra a mulher, cuja violência também se expressa através da negação da importância do seu papel dentro da religião.

2. Protestantismo e Pentecostalismo

Não compete às ciências humanas e sociais comprovar a existência ou inexistência de deus. Tanto para a Sociologia da religião quanto para a Antropologia, o mais importante é compreender os significados da crença na existência ou não desse deus e sua importância na vida social, cultural e política das pessoas. Também a história pode se debruçar sobre essas questões, quando faz, pode comprovar ou mesmo refutar aquilo que o discurso religioso afirma.

Segundo a história do cristianismo, para os cristãos uma mulher virgem foi concedida em casamento a um homem, antes disso um anjo teria aparecido para ela, indagando se ela queria ser a mãe do salvador (Jesus). No entanto, ela ainda não havia casado e, naquela cultura e época, em casos de traição a mulher era apedrejada em praça pública como punição. Dessa forma, no caso aqui narrado, Deus teria enviado outro anjo para que pudesse confirmar ao marido da mulher que ele não fora traído. Na literatura daquele povo, todos esses fatos haviam sido profetizados e as pessoas daquela região acreditavam que “o filho do homem”, no caso o filho de Deus, nasceria naquelas circunstâncias.

Logo após todos esses acontecimentos, a criança nascida cresceu e a partir dos ensinamentos surgiu um pequeno grupo de seguidores, os apóstolos. Como vertente do judaísmo, criou-se um novo conceito de relacionamento do Deus para com os homens que vai se traduzir em uma relação filial (pai para filhos). A partir disso, o deus seria o pai, tidos pelos “filhos” como portador de um amor incondicional. Surge então o cristianismo.

O cristianismo está presente e influencia o Ocidente há aproximadamente 2000 anos, acreditando-se que, após a vinda e morte de Jesus Cristo, Pedro seu seguidor teria fundado a primeira igreja, conforme afirmam as escrituras sagradas dos cristãos, a bíblia, mais especificamente no versículo dezoito do capítulo dezesseis do livro de Mateus, aonde se pode ler: “E eu digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do

Hades não poderão vencê-la”. Para concordar com essa hipótese, Collins & Prince (1999), nos dizem que “Após a morte e ressurreição de Jesus, seus seguidores se dispuseram a enfrentar os castigos e até a morte para difundir a mensagem evangélica” (p.13).

Ou seja, ser cristão é acreditar numa força unitrina, que significa um em três, (o pai, o filho e o espírito santo) mas, mesmo assim, crer em uma força que não se pode ver, que não se viu, acreditar apenas na fé, ou no poder de uma história escrita há 2000 anos. Collins & Prince (1999) nos falam dessa fé como:

Uma fé semelhante ainda move seus seguidores. A motivação para o cristão amar uns aos outros e viver uma vida melhor vem da gratidão a Jesus Cristo e do desejo de ser como ele. A motivação para empreender missões vem do seu mandamento a seus primeiros seguidores.” (COLLINS; PRINCE, 1999, p.7).

Os autores Collins & Prince (1999) ainda ressaltam que “O cristianismo está enraizado nas promessas que Deus fez aos grandes líderes, ou patriarcas, do Antigo Testamento, como se percebe, é uma religião com nítidas origens judaicas. (COLLINS; PRINCE, 1999, p.8).

Portanto, o que rege o cristianismo é as promessas e a fé. Acredita-se que Deus não deixará seu povo perecer. Então as promessas de Deus foram: se seu povo seguir os seus mandamentos poderá conviver com ele no seu reino, sendo assim, considerado uma criatura de Deus. Mas, caso o povo desobedeça seus mandamentos, não terá o direito de usufruir das coisas dele. Já a fé é a que não deixa o cristianismo morrer, é a esperança das promessas se cumprirem.

Assim, Gebara, em seu livro intitulado “O que é cristianismo” (2008) define cristianismo de várias maneiras, mas ela reflete do pressuposto que:

Isso revela a complexidade do cristianismo não apenas na construção histórica de um sentido para a vida humana, mas como religião das massas desamparadas e necessitadas de ajuda e de dominadores buscando legitimidade para seus atos. Por isso, nessa perspectiva, ele aparece com uma enorme plasticidade e capacidade de adaptação a diferentes matrizes culturais, problemáticas e contextos vistos que encerra elementos fundamentais que tocam a constituição ontológica do ser humano. (GEBARA, 2008, p.2).

Ou seja, a autora pressupõe que a religião está atrelada a vida das pessoas e constitui a identidade do ser humano. Ao nascer, geralmente somos preparados para o batismo, quer dizer isso num véis cristão católico. Pegamos as manias das falas, quase sotaque, dizer, Ave Maria, valha-me Deus, Credo Jesus, que Deus te proteja, vai com Deus. Enfim, é quase automático para muitos de nós, tratarmos alguém dessa forma.

Retomando a discussão para a história do cristianismo, verificamos que após a vinda e morte de Jesus, seus seguidores saíram por todos os lugares propagando as palavras supostamente deixadas por ele. Contudo, veio a criação do catolicismo, que enfrentou um período tenebroso, sendo contestada e perseguida, conforme explicam Collins & Prince:

No início da idade média, a igreja resistiu as ameaças das invasões bárbaras e à ascensão do islã. Um cisma em 1054 separou as partes ocidental e oriental da Igreja cristã ortodoxa, que mais tarde ficaram conhecidas como Igreja Católica e Igreja Ortodoxa, respectivamente. Embora as doutrinas essenciais permaneçam as mesmas, a Igreja nunca mais se unificou, ao menos não até o início de seu segundo milênio de vida. (COLLINS E PRINCE, 1999, p. 9).

Nessa perspectiva, podemos observar que alguns anos depois, surgiu o protestantismo. Em 1517 um padre chamado Martin Lutero, que não concordava com certas atitudes da igreja católica, começa um movimento conhecido até hoje como Reforma Protestante. Sobre isso Collins & Prince (1999) relatam que o tecido da igreja se rasga novamente, quando um representante da própria igreja lança críticas às práticas católicas na porta da igreja a qual era o padre. E, a partir do protestantismo, já no século XX, surge uma importante vertente do cristianismo, o pentecostalismo. Então, o pentecostalismo, surge no início do século XX, definida por Campos (2002) como:

Num sentido histórico e social, o pentecostalismo é uma parte do protestantismo herdado da reforma. De fato, muitos o reconhecem como um protestantismo popular e o diferenciam do protestantismo “histórico” - termo sob todos os aspectos impreciso, porque o pentecostalismo não é a-histórico de modo algum – ou do “velho” protestantismo, como costumava dizer Troeltsch. O pentecostalismo, assim como grande maioria das igrejas evangélicas da América Latina e do Caribe, é herdado – em diversas vertentes – da teologia e da vida da ampla e complexa Reforma Protestante. (CAMPOS, 2002, p.12)

Portanto, o que conhecemos hoje é apenas Igreja Católica e Igreja Protestante, só que o protestantismo tem um vasto terreno, como já foi citado e a que esta pesquisa vai se limitar a investigar é o pentecostalismo. Portanto, apoiada na compreensão de na visão de Campos (2002), tentarei entender o que torna o pentecostalismo diferente, para que ele seja motivo desta pesquisa.

Primeiramente o autor (CAMPOS, 2002), relata sobre o protestantismo, para delimitar a diferença que se dá dentro do protestantismo para o pentecostalismo. Assim:

Primeiro, porque a Reforma foi basicamente um plano de transformação da sociedade medieval a partir de seu núcleo religioso, já que a Igreja se havia construído em detentora de poder terreno sob o símbolo do religioso. Pode-se dizer, ao contrário, que as reivindicações de ordem social, política, econômica, etc. estavam marcadas pelo religioso. Neste sentido, qualquer transformação da ordem social da América Latina, um continente eminentemente religioso, pode e deve ter aqui um termo de comparação. Segundo, porque a Reforma fornece elementos, ainda que indiretos ou mediatos, para a compreensão e a afirmação de nossa identidade sociorreligiosa no presente, como uma identidade entrecruzada com a nossa situação de classe, nossa condição econômica e até compreensão e opção política. (CAMPOS, 2002, p.13)

Isso se dá a partir de uma nova reforma, assim como Lutero e seus seguidores não concordavam com as doutrinas do catolicismo, algumas pessoas dentro do protestantismo

também não aceitavam essa maneira de doutrina criando assim o pentecostalismo. Onde Campos (2002) define como:

Nos pentecostais, além de reconhecer o fato marcante das 95 teses do monge agostiniano da Turíngia – que caíram como uma faísca na pólvora espalhada já antes de Lutero por uma onda de revoltas de Lutero por uma onda de revoltas de todas as classes sociais de então, das reformas religiosas que se reivindicavam ou do ideal de retornar ao cristianismo primitivo -, nós temos nos ocupado muito pouco com o estudo da Reforma, suas causas sociais, políticas e econômicas ou com suas implicações para a vida presente. Temos, nesse sentido, uma memória muito ínfima ou muito ruim, talvez porque temos recordações desagradáveis dela, razão pela qual não nos atrai muito recordá-la. (CAMPOS, 2002, p.13).

Para entendermos como se desenvolveu o movimento pentecostal Brasileiro é necessário analisar as “ondas pentecostais”, pois cada uma delas tem suas particularidades indispensáveis na análise do pentecostalismo no Brasil. Paul Freston (1994) faz a divisão do pentecostalismo brasileiro em três ondas:

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa nos final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca. A vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é que ressalta, de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu. (FRESTON, 1994, p. 70).

A Igreja Assembleia de Deus (1911), surgiu na primeira onda pentecostal. Em função disso, hoje já é considerada por muitos como uma igreja histórica. É relevante destacar que os registros históricos do movimento pentecostal o associam às igrejas protestantes, de onde os fundadores de igrejas pentecostais saíram, em busca de uma renovada dimensão de espiritualidade. (BAXTER, 1992, apud FERNANDES, 2006).

Segundo um levantamento de dados do *World Christian Database* (2006), divulgado pela Folha de São Paulo, o Brasil é o maior país pentecostal do mundo, reunindo 24 milhões de seguidores. A grande maioria dos evangélicos brasileiros é pentecostal.⁵

Uma pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra o

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2901200708.htm>. Acesso em: 18 setembro de 2019

crescimento das igrejas evangélicas. O levantamento revela que o Brasil possui, aproximadamente 200 milhões de habitantes (dados de 2016), sendo 43 milhões declarados evangélicos. Dentre esses evangélicos, 24 milhões se declaram pentecostais, tornando assim, o Brasil como o maior país pentecostal do mundo.⁶

O vasto crescimento do pentecostalismo ao longo dos anos é evidente. Uma das causas da expansão do pentecostalismo pode está ligada ao acolhimento, onde negros, mulheres e leigos são incluídos como figuras relevantes e não apenas membros de uma congregação, é nesse contexto que as profetisas devem ser vistas nessa pesquisa.

No pentecostalismo as pessoas são chamadas pelo nome, são bem recepcionadas na entrada na igreja, recebendo oportunidade para cantarem, dançarem e tocarem instrumentos nos momentos de cultos (SABINO, 2017). Por meio desse acolhimento, Sabino (2017) considera que o pentecostalismo oferece visibilidade a pessoas socialmente invisíveis. Nesses ambientes religiosos, pessoas que outrora eram excluídas viram protagonistas, esse seria um dos diferenciais do movimento pentecostal⁷, do qual as mulheres que pretendemos pesquisar fazem parte.

Segundo a antropóloga Clara Mafra (2009) o pentecostalismo é interligado ao Espírito Santo, dando-lhe destaque, como uma maneira de aproximar os fiéis a Deus, tendo em vista que, o cristianismo remete a uma ideia de distância entre Deus e os seres Humanos. Os evangélicos que se consideram pentecostais creem na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, descritos no capítulo doze da primeira carta de Paulo aos Coríntios. Também Maurício Ricci relata sobre as diversas manifestações dos dons do Espírito Santo em um culto pentecostal:

Nos cultos pentecostais, muitas são as manifestações espirituais reconhecidas pelos crentes que pesquisei, dentre elas os dons de visão (contemplação de seres divinos, anjos, demônios, objetos sagrados, animais); dons de sonhos (imagens oníricas com significado sagrado); dons de curar (habilidade em operar milagres de curas e de classificar males espirituais); dons de revelação e profecia (conhecimento daquilo que é oculto aos olhos humanos); dons da palavra, da sabedoria e da ciência (promovem habilidades especiais no conhecimento das Escrituras e das profundezas de Deus); dom de discernimento de espíritos (faculdade de estabelecer classificações entre o que é de Deus e o que pertence ao Diabo). O dom de línguas e o dom da interpretação das línguas, essa fala extática

⁶ VEJA. O IBGE e a religião: Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

⁷ Disponível em: < <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/pentecostalismo-cresce-na-periferia-porque-oferece-visibilidade-aos-invisiveis-affirma-professor> > Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

que necessita da interpretação para que outros membros da igreja a entendam, é o dom mais comum entre os fiéis. (RICCI, 2007, p. 57).

Entre essa diversidade de dons que se manifestam nos cultos pentecostais, vemos a necessidade em investigar o dom da profecia, nos delimitando a profecia vivenciada por mulheres, ressaltando o protagonismo feminino no movimento pentecostal.

3. O protagonismo das Profetisas

Nas igrejas pentecostais, o protagonismo feminino na profecia é objeto de luta, tendo em vista que o machismo e o patriarcado sempre tentaram colocar a mulher em uma posição inferior diante dos homens e no contexto religioso isso não é diferente. Graças às conquistas femininas o reconhecimento das mulheres como profetisas esta sendo construído, como se pode perceber nas palavras de Rosa, reproduzidas abaixo:

Em relação ao tema da mulher profeta, a passagem clássica é 1Coríntios 11. Esse texto de Paulo fala sobre a boa ordem que deve reinar nas assembleias, sobre a conduta dos homens e mulheres. Ele não fala expressamente da profecia das mulheres, mas no versículo 5 faz uma recomendação onde transparece natural que a mulher, na assembleia, ore e profetize. Diz: “Mas toda mulher que ore ou profetize com a cabeça descoberta, desonra a sua cabeça.” Concluindo, já nos textos bíblicos, apesar do machismo típico da sociedade de então, é possível ver quanto a mulher é importante no plano de Deus. Hoje, graças às conquistas da luta feminina, é um grande pecado não aceitar o protagonismo das mulheres na evangelização, que certamente é de acordo com a vontade de divina. (ROSA, 2012)⁸

De acordo com Suana (2007), conforme a categorização criada pelos judeus, o Antigo Testamento era dividido em três classes de livros: Lei, Salmos e Profetas. Deste modo, podemos observar a grande relevância dos profetas no contexto bíblico do Antigo Testamento. A profecia em si, sendo transmitida por homens ou mulheres é contestável. Segundo Suana (2007), tanto nos tempos bíblicos, como no tempo atual, persiste a dificuldade para diferenciar a palavra enviada por Deus daquela que remete ao mal designo humano.

Martin-Achard (1892), declara que uma das problemáticas da profecia se dá na autenticidade do profeta, ou seja, dos riscos dos falsos profetas. O reconhecimento de qual profeta é o verídico e qual profeta é aleivosos é um processo complexo. Nem se pode perceber a diferença entre eles, sem o perigo de se confundir. Todavia, de acordo com Suana (2017) os falsos profetas causam um bloqueio na evangelização, ou seja, pessoas deixam de ser simpatizantes do pentecostalismo por existirem falsas profecias, que não condizem com os

⁸ Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=5252>. Acesso em: 30 de janeiro de 2020.

planos de Deus. Porém, para ser reconhecida como verdadeira a profecia necessita estar de acordo com a soberana vontade de Deus, exaltando assim, sua divindade e palavra (Bíblia) e se não estiver dentro desses requisitos deve ser desconsiderada.

Retomando a questão do protagonismo feminino, (ETISUKO, 2010), o conceito de gênero apresentado pela antropologia e pelas ciências sociais deu ênfase às relações das sociedades e contribuiu para o processo de desconstrução das relações de domínio entre os gêneros, também no contexto religioso.

De acordo com Etisuko (2010), “A pensar o corpo e a sexualidade de forma positiva, feminista, pode ocasionar deslocamentos epistemológicos que visam levar a práticas transformadoras, emancipando mulheres que sempre ouviram as histórias bíblicas do ponto de vista masculino, numa perspectiva patriarcal e repressora.” (ETISUKO, 2010, p. 9). Etisuko (2010), aponta também que não considera plausível a ideia de criar uma igreja exclusivamente para as mulheres. Segundo ela, deve haver uma transformação estrutural nas igrejas que já existem, dando assim autonomia para as mulheres liderarem os cultos.

A relação entre as mulheres e a religião não se apresenta de forma vaga, as mesmas possuem uma forte ligação com a religião, vivendo assim sua espiritualidade de forma intensa. Sobre essa ligação Gebara (2000, apud ROESE, 2016) chega a afirmar que:

As religiões “contêm algo profundamente feminino, quase matricêntrico que é a preocupação com o bem-estar das pessoas, com a superação do sofrimento (...). A religião na sua base originária é materna, é protetora e aconchegante”, diz Gebara (2000, p. 101). Trata-se de uma afirmação muito significativa, pois nos ajuda a compreender as razões e o modo como as mulheres se vinculam às religiões e como vivem a sua espiritualidade. Nas religiões as mulheres “se sentem ‘em casa’ como se revivessem uma memória antiga” (GEBARA, 2000, p. 102).

A conversão de homens e mulheres ao pentecostalismo se apresenta de forma distinta, envolvendo diferenças de interesse ao ingressarem em igrejas que fazem parte do movimento pentecostal. Esse aspecto fica evidente na seguinte fala de Machado:

As histórias de conversão masculinas revelam situações de desemprego, dificuldades financeiras e problemas pessoais na área da saúde nas justificativas para a adesão religiosa ao pentecostalismo; já as mulheres quase sempre associam suas escolhas religiosas com as desavenças familiares e as necessidades – materiais e espirituais – do grupo doméstico. Em outras palavras, enquanto os homens procuram a comunidade religiosa em situações que põem em ameaça a identidade masculina predominante na sociedade, as mulheres se colocam como guardiãs das almas de todos que integram a família, buscando os grupos confessionais sempre que um dos seus familiares se mostre em dificuldades. Nesse sentido, as qualidades alocadas ao gênero masculino no sistema hegemônico de representações parecem distanciar os homens das prescrições religiosas de uma forma geral e, em especial, do ethos pentecostal, enquanto os atributos femininos favorecem as experiências das mulheres com o sagrado e os vínculos com as comunidades religiosas. (MACHADO 2010, p.4).

O protagonismo feminino no pentecostalismo e em diversos movimentos religiosos está cada vez mais presente, causando consideráveis transformações, tanto na individualidade das mulheres, como também nas estruturas das igrejas, conforme Roese (2016) nos explica:

Creio que podemos sustentar a hipótese de que uma nova configuração religiosa se desenha neste terceiro milênio a partir do protagonismo das mulheres. Este protagonismo no âmbito religioso me parece sutil, disfarçado, inteligente, dinâmico, criativo e autêntico. Não é abertamente contestatório, mas apresenta rupturas claras, insubmissão, mobilidade, infidelidade e criação de novas modalidades de vida espiritual e religiosa. Ou seja, as mulheres estão criando com autenticidade e responsabilidade espaços e caminhos alternativos aos das religiões hegemônicas, suas estruturas e discursos. (ROESE, 2016, p.24).

As profetisas de hoje estão saindo do anonimato e rompendo a cadeia da exclusão. Não podem ficar de fora dessa reflexão, as milhares de mulheres que fazem história em nosso continente e no mundo afora, cada uma a seu modo, com sua cultura e expressão, vão rompendo “as algemas” e mostrando a cara e a voz. (CEBI,2007)⁹

Para Machado (2016) a doutrina pentecostal procura promover a igualdade entre homens e mulheres. Ensinando os homens a praticarem a submissão que outrora no protestantismo era destinada apenas as mulheres. E a mesma autora continua:

A doutrina pentecostal enfatiza os valores associados à subjetividade feminina, mas tal fato não deve ser interpretado como um simples reforço à submissão das mulheres, uma vez que esses princípios, bem como os constrangimentos à sexualidade, são extensivos aos homens da comunidade. Ou seja, o pentecostalismo combate a identidade masculina predominante na sociedade brasileira, estimulando nos homens que aderem ao movimento as formas de conduta e as qualidades tradicionalmente alocadas ao gênero feminino. Assim como as mulheres, estes devem ser dóceis, tolerantes, carinhosos, cuidadosos, etc., levando uma vida ascética regida por uma moral sexual rígida. Além disso, espera-se que os mesmos se preocupem com o bem-estar da família, dedicando-se mais à educação e ao acompanhamento dos filhos. Tais expectativas revelam uma reconfiguração da subjetividade masculina, criando a possibilidade de arranjos familiares mais igualitários. Esses processos têm sido interpretados como tendências à “domesticação dos homens pentecostais” ou à “androginização” das famílias populares. (MACHADO, 2016, p.4).

Já na perspectiva de Miranda:

A “ideologia pentecostal” combate e ajuda a romper alguns dos aspectos relacionados ao comportamento masculino, entretanto legitima desigualdades de gênero, reforçando a autoridade dos homens no âmbito privado e na própria comunidade religiosa. A religiosidade ainda contribui para a manutenção da desigualdade entre os gêneros. (MIRANDA, 2009, p. 76).

Compreendemos então, que apesar dos consideráveis avanços do pentecostalismo, no processo de igualdade dos gêneros feminino e masculino, ainda persistem diversos conflitos causados pela hierarquização de gênero, presente no âmbito pentecostal.

⁹ Disponível em <https://cebi.org.br/reflexoes/mulheres-e-profetismo-cebi-planalto/>. Acesso 30 de janeiro de 2020.

METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa adotará as técnicas de pesquisa Qualitativa, visto que a pretensão do projeto é compreender as manifestações proféticas vivenciadas singularmente por mulheres, que fazem parte da igreja Assembleia de Deus - Templo Central e igreja Presbiteriana Renovada, localizadas em Aracoiaba (CE). Considerando, então, a natureza do objeto de pesquisa, acreditamos que as técnicas qualitativas se adequam melhor à pesquisa que ora se propõe. De acordo Goldenberg (2004), no processo da pesquisa qualitativa o intuito do pesquisador se dá no empenho em se aprofundar na concepção de um conjunto de pessoas, de uma entidade, de uma trajetória, de um instituto, entre outros.

Já segundo Denzin & Lincoln (2006): “O berço da pesquisa qualitativa está na sociologia e na antropologia ela nasceu de uma preocupação em entender o outro”. Nesse sentido, já que a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos sociais analisando os indivíduos e os cenários envolvidos nesses fenômenos, tal método se revela como o mais adequado para pesquisar as profetisas das igrejas evangélicas de Aracoiaba.

O presente projeto de pesquisa não tem o intuito de usar a ferramenta da pesquisa quantitativa, visto que o que se pretende é analisar as vivências individuais das profetisas, buscando o aprofundamento da compreensão das experiências proféticas que se manifestam no cotidiano dessas mulheres. Não buscamos abordar numericamente sobre a problemática do assunto que será pesquisado, por isso não optamos pela pesquisa quantitativa.

A respeito da pesquisa quantitativa Goldenberg (2004) escreve:

Anteriormente as ciências se pautavam em um modelo quantitativo de pesquisa, em que a veracidade de um estudo era verificada pela quantidade de entrevistados. Muitos pesquisadores, no entanto, questionam a representatividade e o caráter de objetividade de que a pesquisa quantitativa se revestia. É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

Já no que refere à pesquisa qualitativa, Goldenberg (2004) relata que: “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los”. (GOLDENBERG, 2004, p.53).

Partindo, então, da metodologia qualitativa, pretendemos compreender as profetisas, buscando ter flexuosidade e criatividade, durante as entrevistas, nos momentos de visitação aos cultos e no momento de analisar os dados obtidos nas mesmas. Todavia, a pesquisa

qualitativa é espontânea, não se preocupando em seguir roteiros, como Goldenberg (2004)

Relata:

Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. Mesmo os pesquisadores que usam métodos de pesquisa qualitativa criticam a falta de regras de procedimento rigorosas para guiar as atividades de coleta de dados e a ausência de reflexão teórica, o que pode dar margem para que o bias do pesquisador venha a modelar os dados que coleta. (GOLDENBERG, 2004, p.53).

Nessa pesquisa qualitativa teremos como ferramenta de coleta de dados a narrativa, onde ouviremos os relatos das profetistas sobre suas vivências.

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.18).

Buscaremos compreender as histórias vivida pelas profetisas, analisando as experiências por meio de suas falas e por meio de visitas às suas igrejas em momentos de cultos. Por meio de entrevistas, do referencial teórico e das visitas aos cultos buscaremos analisar o movimento pentecostal, a profecia, as características da igreja em que essas mulheres congregam e acima de tudo, compreender as relações pentecostais presentes no cotidiano das entrevistadas.

Durante o processo de entrevistas nas casas e das visitas às igrejas em momentos de cultos, iremos fundamentar nossa metodologia com base no trabalho do Antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, “Olhar, Ouvir Escrever”. Portanto, pretendemos realizar nossa pesquisa de campo domesticando nosso olhar, conforme suas palavras:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo (ou no campo) esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos nosso olhar já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. (OLIVEIRA, 1996, p. 03).

De acordo com Oliveira (1996, p. 16), é necessário ter “um olhar devidamente sensibilizado pela teoria disponível”. Pelo fato de ser envolvida diretamente com as manifestações do movimento pentecostal, por ser membra de uma igreja considerada pentecostal, pretendo domesticar meu olhar, procurando ter sensibilidade durante a análise dos dados obtidos na pesquisa.

Inicialmente optei por fazer um documentário com as profetisas, todavia encontrei grande dificuldade, pois a maioria das mulheres não queriam ser filmadas, porque se achavam

feias e diziam que na comunidade existiam pessoas com mais conhecimento do que elas, haja vista, que a grande maioria dessas profetisas que tenho o intuito de entrevistar são analfabetas.

Mesmo sendo elas as protagonistas desta prática, na sua concepção os pastores das igrejas e os líderes religiosos possuem mais conhecimentos sobre a profecia. Algumas chegaram a dizer que eu entendia mais de profecia do que elas, considerando que sou a filha do pastor de uma das igrejas a ser pesquisada. Vale ressaltar que essas mulheres, há anos, são profetisas. Já no meu caso, sempre desejei ter este dom, mas nunca o obtive. Contudo, ao conversar com elas, pude notar essa ideia existente entre algumas delas de que, só por ser filha do pastor eu compreenderia mais do assunto do que elas mesmas que vivem a experiência. Percebe-se então, o quanto as relações de poder também perpassam essas práticas próprias da vida religiosa. Elas têm uma relação direta com a profecia, o vasto conhecimento de suas experiências proféticas é desconhecido para mim. E este é justamente um dos motivos pelo qual resolvi pesquisar o fenômeno.

A negação em ceder as entrevistas é algo que precisa ser analisado, e se durante o processo da pesquisa algumas mulheres se negarem a ceder as entrevistas tentaremos compreender o que Goldenberg (2004, p. 96) chama de "não-dito":

Para mostrar o material empírico que recolhi, inicio relatando cada passo da coleta dos dados. As dificuldades que encontrei, as pessoas que se recusaram a dar entrevista ou responder ao questionário, as perguntas que não foram respondidas, o que foi conseguido e o que não foi, quem colaborou e quem não colaborou com o estudo. É importante analisar tanto o que foi dito como o "não-dito" pelos pesquisados. É preciso interpretar este "não-dito", buscar uma lógica da "não-resposta". É a hora de exercitar o olhar crítico sobre a pesquisa e verificar quais foram os objetivos iniciais e o que realmente foi alcançado. Somente após explicitar o que se pretendia e os limites do que foi pesquisado, pode-se começar a análise do material coletado. (GOLDENBERG, 2004, p. 95-96).

É justamente na intenção de captar tanto o dito quanto o não-dito que elaborei o seguinte esquema de Entrevista Semiestruturada reproduzido a seguir, e que pretendo utilizar como instrumento em campo, junto às profetisas de Aracoiaba (CE):

1. Qual sua idade?
2. Em qual igreja você se congrega?
3. Há quanto tempo você é evangélica? Em sua opinião, o que deve ter num culto para ele ser considerado pentecostal (avivado)?
4. Alguém já profetizou para você? Fale sobre isso.
5. Você já falou em profecia para alguém?
6. Se sim, como se sentiu no momento em que estava profetizando? Se não, você gostaria de profetizar?

7. Já presenciou alguém profetizando? Se sim, a profecia se cumpriu ou não? A senhora poderia explicar isso?
8. Fora do culto, você tem alguma experiência pentecostal? (Fala em línguas, profetisa)? Pode explicar isso?

As entrevistas serão realizadas nas casas das profetisas, para que as mesmas se sintam mais confortáveis durante os relatos. Serão escolhidas duas profetisas da igreja Assembleia de Deus - Templo Central e duas profetisas da igreja Presbiteriana Renovada. A pesquisa será feita de maneira ética, clara e sensível, para que os resultados obtidos possam contribuir socialmente de maneira positiva.

REFERENCIAL

ARAÚJO, Francisca Socorro. 2004, Disponível em www.infoescola.com/sociologia/feminismo> Acesso em 08 de mar. 2019.

BEGUOCE, Leandro. **Brasil é o maior país pentecostal**. Folha de S. Paulo. São Paulo, segunda-feira, 29 de janeiro de 2007.

CAMARGO, Abel. Jornal Aleluia, 1975 Disponível em: <http://iprb.org.br/home/quem-somos-3/historia-da-iprb/breve-historico-da-iprb/>> Acesso em: 22 set. 2019.

CAMPOS, Bernard. **Da Reforma protestante a pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Templo, teatro e mercado**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CANCIAN, Renato. **Feminismo: Movimento surgiu na Revolução Francesa**. Pesquisa. Disponível em: <https://www.Escolar.uol.educação.com> Acesso em: 30 novembro 2019.

CAVALCANTI, Tereza M. **Mulheres e Profetismo no Antigo Testamento**. In: Curso de Verão, Ano II. São Paulo: Paulinas, 1988.

COLLINS, Michael, PRICE, Matthew A. **História do cristianismo, 2000 anos de fé**, Edição Loyola, 1999.

CORREA, Marina. **Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. IN: _____ e col. O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal**. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. 2º edição. São Paulo: Edições Paulinas, 2006.

FRESTON, P. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**, In: Alberto ANTONIAZZI, [et al.]. Nem anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo, Petrópolis: Vozes, 1994. p. 72-159.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silencio: uma fenomenologia feminista do mal**. São Paulo: Vozes, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, 8ª Edição, Editora Record Rio de Janeiro • São Paulo, 2004.

GUTIERREZ, Benjamim F. **Na força do espírito: os pentecostais na América latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996. Indicadores Sociais do Ceará 2017, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/nº | Edifício SEPLAG | Térreo – Cambéba, Indicadores Sociais do Ceará - 2017. Fortaleza, IPECE, 2018.74p.: graf. tabs. ISSN 1983-4934 1 - Estatística - indicadores sociais. 2- Ceará, 2017.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. **Pluralismo religioso e espaço metropolitano**. In: (Orgs.). Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. (Coleção Antropologia Hoje).

MARTIN-ACHARD, Robert. **Os Profetas e os Livros Proféticos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

MATOS, Alderi de Souza. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. Fides Reformata XI, Nº 2 (2006): 23-50.

MIRANDA, Fernanda Honorato. **Religião e mulher: Liderança feminina no pentecostalismo evangélico**. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em ciências sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Olhar, o Ouvir e o Escrever**. In: O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever, Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 1996, v. 39 n° 1.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICCI, Maurício. **Glossolalia, Iniciação e alteridade no pentecostalismo**. Cadernos de Campo. (FFLCH/USP), ano 16, jan./dez. p. 221-232, 2007.

ROESE, Anete. **Feminismo e religião: conquistas e desafios do século XXI**, 2016.

ROSA, Luis. **A Bíblia.org**. 2012. Disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=5252>
Acesso em: 21 nov. 2019.

SABINO. **Pentecostalismo cresce na periferia porque oferece visibilidade aos invisíveis, afirma professor**. Universidade Federal de Minas Gerais, quinta-feira, 23 de fevereiro 2017.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória**, Universidade Federal de São Paulo, 2004.

SIQUEIRA, Camila Karla Barbosa. **As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no Direito brasileiro**. In: XXIV Congresso Nacional do CONPEDI, 2015, Belo Horizonte. Poder, Cidadania e Desenvolvimento no Estado Democrático de Direito, 2015.

SUANA, Samuel. **Profetas Menores: O equilíbrio entre a justiça e a misericórdia**. 1ª edição. Pindamonhangaba: IBAD, 2007.

TOMITA, Luiza Etsuko. **A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos**. In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.